

## **Mercados Locais de Trabalho em Contexto de Crise: Um olhar sobre Pelotas e Rio Grande/RS**

**RAFAELLA EGUES DA ROSA<sup>1</sup>; DANIEL ENKE ILHA<sup>2</sup>; HILBERT DAVID DE  
OLIVEIRA SOUSA; FRANCISCO BECKENKAMP VARGAS<sup>4</sup>.**

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafaegues@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – ilha.daniel@gmail.com*

*<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – hdos01@yahoo.com.br*

*<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – franciscoebvargas@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os mercados locais de trabalho de Pelotas e Rio Grande, municípios localizados no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, no contexto da crise econômica e política instaurada nacionalmente a partir de 2014. Desse modo, visa identificar as principais mudanças ocorridas na dinâmica do emprego formal desses municípios na atual conjuntura, considerando as especificidades setoriais bem como as desigualdades de gênero, em termos de participação no mercado e rendimento.

A análise que se pretende realizar supõe uma concepção crítica à visão economicista clássica que considera o mercado de trabalho como um espaço puramente econômico. Entende-se que, para compreender as relações que nele são estabelecidas, deve-se considerá-lo, em última instância, como um espaço social marcado pela complexidade de relações e constituído por hierarquizações e assimetrias. O mercado de trabalho produz e reproduz relações desiguais de gênero, classe, raça, geração e sexualidades (VARGAS, 2017). Portanto, não é possível desconsiderar essas complexidades quando se observa seus indicadores.

Fortes desigualdades caracterizam o mercado de trabalho brasileiro desde a sua constituição. Além disso, sua formação e estruturação também é marcada por elevada precariedade (POCHMANN, 2002). Se, anteriormente, a precariedade estava vinculada à informalidade do trabalho e às atividades econômicas periféricas, atualmente ela permeia o centro dinâmico das atividades capitalistas organizadas. No Brasil, a “velha” precariedade, nunca superada, passou a conviver com a nova precarização ocupacional (VARGAS, 2016) oriunda das novas formas de trabalho, cada vez mais flexíveis.

É a partir de um olhar sociológico, pois, que se procura analisar as realidades locais de Pelotas e Rio Grande, sempre considerando a estruturação do mercado de trabalho brasileiro, alicerçado na elevada instabilidade, precariedade e desigualdades sociais. Em tais municípios, a partir dos anos 2000, houve uma expansão significativa dos níveis de ocupação, sobretudo do emprego formal, bem como expressiva redução do desemprego. Essas mudanças foram estimuladas por políticas nacionais desenvolvimentistas. Dentre elas, destaca-se a política de revitalização da indústria naval que, em Rio Grande, foi responsável pela formação de um Polo Naval a partir de 2006. Até 2014, as taxas de desemprego e informalidade caíram significativamente. No entanto, a partir desse ano, a recessão enfrentada nacionalmente e a crise envolvendo a Petrobrás frearam os avanços que até então vinham ocorrendo, interrompendo o projeto de investimento e expansão do setor.

Diante desse cenário, questiona-se: Qual foi a dinâmica setorial de emprego no período de crescimento econômico? Quais foram as mudanças ocorridas, também setorialmente, a partir da crise? O cenário de crise contribuiu para intensificação das desigualdades existentes ou fenômenos como o desemprego atingiram a todos de forma indiscriminada? E, por fim, como a

precariedade se apresenta no mercado de trabalho de Pelotas e Rio Grande no contexto de modificações de sua dinâmica?

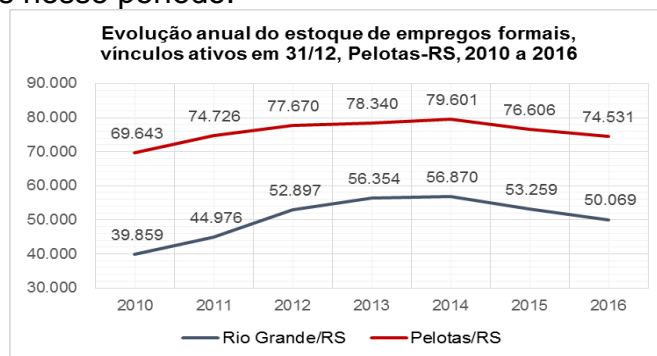
## 2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é quantitativa e propõe uma análise conjuntural dos mercados de trabalho de Pelotas e Rio Grande entre os anos de 2010 e 2016. Tal lapso temporal abrange um período de crescimento econômico (2010 a 2014) e um período de crise e recessão (2014 a 2016), o que possibilita dimensionar os níveis de crescimento e retração do emprego.

Para operacionalização da análise, utilizam-se dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Essa base de dados possui dimensão nacional, mas os dados também podem ser desagregados em âmbito municipal. Enquanto registro administrativo, ela também permite gerar estatísticas sobre o mercado de trabalho formal, o que auxilia na elaboração de estudos como o aqui proposto. A RAIS disponibiliza dados anuais e compreende o estoque total de vínculos empregatícios formais (regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT e pelo estatuto dos servidores públicos). Portanto, através dos dados, foram organizadas informações sobre a evolução dos estoques de empregos formais totais e setoriais de Pelotas e Rio Grande, bem como por gênero e rendimento.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os anos 2000, o mercado de trabalho, sobretudo o formal, expandiu-se significativamente tanto em Pelotas quanto em Rio Grande. A segunda década deste século iniciou dando continuidade aos avanços ocorridos no emprego, de forma ainda mais significativa quando se trata de Rio Grande. Entre 2010 e 2014, conforme o Gráfico abaixo, o estoque de empregos formais, segundo a RAIS, cresceu 14,3% em Pelotas, passando de 69.643 vínculos para 79.601. Em Rio Grande, o crescimento do emprego foi de 42,7%, o estoque passando de 39.859 para 56.870 vínculos nesse período.



Fonte: RAIS MTE

Observando-se a evolução desses estoques setorialmente, constata-se que em Pelotas houve um aumento constante do estoque no setor de serviços e no comércio entre 2010 e 2014. Nos serviços, foram 5.975 vínculos a mais (20,3%) durante o período, enquanto que no comércio houve um crescimento de 2.645 vínculos (19,8%). Na indústria e na construção civil houveram importantes oscilações na evolução do estoque de empregos nesse período, mas, mesmo assim, houve aumento do número de vínculos, mais 1.399 (16,6%) e mais 76 (3,2%), respectivamente. Somente o setor de agropecuária apresentou desempenho negativo neste período de crescimento econômico, perdendo 193 vínculos (-12,4%).

Em Rio Grande, a indústria, mesmo sendo somente o terceiro setor em termos de participação na composição total do estoque (ficando atrás de serviços

e comércio), foi o setor que apresentou o maior crescimento em termos absolutos e relativos entre 2010 e 2014, o que expressa o impacto da implantação e expansão da indústria naval. Foram 8.223 vínculos a mais, um aumento de 122,3%, com o estoque passando de 6.725 para 14.948. Serviços e comércio também tiveram um aumento exponencial ao longo desses cinco anos, de 6.251 vínculos (29,7%) e 2.220 (23,2%), respectivamente. Até mesmo os setores que vinham oscilando ao longo do período, tiveram variação total positiva, de 292 vínculos (18,4%) na construção civil e 25 vínculos (2,7%) na agropecuária.

O quadro de crescimento generalizado nos dois municípios tem seu fim no ano de 2014. Com o início da crise econômica no país, os indicadores estatísticos passam a registrar queda dos níveis de emprego a partir de então. A recessão e a crise no emprego foi particularmente intensa na região sul do Rio Grande do Sul devido ao desmonte do setor naval. A realização da operação lava-jato, que atinge o esquema de corrupção na Petrobrás, provocou a suspensão dos projetos de construção de plataformas petrolíferas em diversos polos navais do Brasil, dentre eles o de Rio Grande.

Nesse cenário, os dados da RAIS evidenciam que em Pelotas houve uma perda de 5.070 vínculos formais de emprego (-6,4%) entre 2014 e 2016 e em Rio Grande essa perda foi de 6.801 vínculos (-12% do estoque total).

Setorialmente, em Pelotas, observa-se um decréscimo bruto mais significativo na indústria, de -2.232 vínculos (-20,2%), seguido do comércio (-1.351 vínculos, representando -6,5%) e da construção civil (-1.228 vínculos, tendo sofrido maior perda relativa, de 29,7%). O setor de serviços ficou relativamente estabilizado, havendo uma diminuição de apenas 0,8% (-334 vínculos). A agropecuária foi o único a crescer, foram 75 vínculos a mais (7,3%).

Em Rio Grande, entre 2014 e 2016, foi também a indústria que sofreu o maior impacto, com a diminuição de 3.866 vínculos, o que representa -25,9% do seu estoque. Os serviços tiveram perda de 1.243 vínculos formais (-4,6%) e o comércio perda de 879 vínculos (-7,5%). A construção civil, com diminuição de 712 vínculos, apresentou o decréscimo relativo mais significativo (-38%), enquanto a agropecuária teve perda de 101 vínculos (-10,7%).

Quando se analisa a evolução dos estoques por sexo, observa-se que em Pelotas, durante o período de crescimento, o estoque masculino teve um aumento de 3.920 vínculos (10,2%), passando de 38.593 vínculos em 2010 para 42.513 em 2014. Entre as mulheres, o crescimento foi de 6.038 vínculos (19,4%), tendo em vista que em 2010 o estoque contava com 31.050 vínculos femininos e em 2014 com 37.088. A participação feminina no estoque total, que era de 44,6% em 2010 passou para 46,6% em 2014, crescimento de 2 pontos percentuais. Já os homens tiveram a participação reduzida de 55,4% para 53,4% no período.

Em Rio Grande, o estoque masculino teve um crescimento de 9.691 vínculos (39,7%) entre 2010 e 2014, passando de 24.392 vínculos para 34.083 e o estoque feminino um aumento de 7.320 vínculos (47,3%) no período, passando de 15.467 vínculos para 22.787. A desigualdade entre os sexos no peso total do estoque apresentou-se mais intensa do que em Pelotas. A participação masculina foi de 61,2% e a feminina de 38,8% em 2010. Em 2014, esta participação foi de 59,9% e 40,1%, respectivamente. Em ambos os municípios, a participação feminina cresceu e a masculina caiu nesse período de crescimento.

No período da crise (2014-2016), em Pelotas, o estoque masculino sofreu redução de 2.974 vínculos (-7,0%), passando de 42.513 em 2014 para 39.539 vínculos em 2016. Já entre as mulheres, o estoque em 2016 foi de 34.992, após sofrer uma diminuição de 2.096 vínculos (-5,7%) no período. Em Rio Grande, houve redução de 4.814 vínculos masculinos (-14,1%) entre 2014 e 2016, com o

estoque passando de 34.083 para 29.269 vínculos. No estoque feminino, a redução foi de 1.987 vínculos (-3,5%), com o estoque passando de 22.787 para 20.800 no período.

Nota-se que apesar da perda de empregos afetar tanto homens como mulheres, ela é maior entre os homens no período de 2014-2016, conforme a RAIS. A participação dos homens na composição do estoque diminuiu 0,3% em Pelotas e 1,5% em Rio Grande, mas isso não chegou a modificar a situação das mulheres enquanto menos presentes no mercado de trabalho formal de ambos os municípios.

Em relação ao rendimento, em Pelotas, o rendimento das mulheres em 2010 representava 85,4% do rendimento masculino. Em 2014, passou a representar 87,6% (aumento de 2,2%). A desigualdade diminuiu. Já em Rio Grande, no período de crescimento há também crescimento da desigualdade salarial. Em 2010, o rendimento feminino representava 67,2% do rendimento dos homens e, em 2014, passou a representar 62,2%, menos 5 pontos percentuais. No entanto, no período de crise, tanto em Pelotas quanto em Rio Grande a diferença dos rendimentos entre os sexos diminuiu. A razão entre os rendimentos passou de 87,6%, em 2014, para 92,1%, em 2016, em Pelotas. Já em Rio Grande, o aumento foi de 62,2%, em 2014, para 70,6%, em 2016.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados analisados evidenciam que os mercados de trabalho dos municípios de Pelotas e Rio Grande acompanharam a tendência nacional de crescimento do emprego ocorrido até 2014. Tratando-se do emprego formal, nota-se que o crescimento verificado significa um aumento do universo de empregados com acesso e garantia de direitos, universo que historicamente no Brasil sempre foi bastante restrito. Essa evolução propiciou um processo de “desprecarização” do trabalho, ao menos no sentido de expansão do trabalho protegido pelo Estado.

No entanto, sem chegar a superar a elevada precariedade estrutural nem os altos níveis de desigualdades, o período de melhoria dos indicadores de mercado de trabalho foi interrompido por um novo cenário de crise, evidenciado pelos dados de 2014 em diante. Os municípios de Pelotas e Rio Grande, do mesmo modo que foram positivamente afetados pelas políticas desenvolvimentistas num primeiro momento, também foram fortemente impactados com a crise instaurada no país e com o desmantelamento do Polo Naval. Este importante setor, depois de gerar um grande volume de empregos industriais em sua fase de expansão, foi responsável também pelo elevado desemprego na conjuntura recente de crise.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POCHMANN, M. Rumos da política do trabalho no Brasil. IN: SILVA E SILVA e IAZBECK (Org.). **Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo**. São Paulo, Cortez; São Luis, MA, FAPEMA, 2008.

VARGAS, F. Mercado de trabalho, relações de gênero e trajetórias de trabalhadoras/es no Polo Naval de Rio Grande/RS. **Anais Eletrônicos - Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, 2017, p. 1-14.

VARGAS, F. Trabalho, emprego, precariedade: dimensões conceituais em debate. **Caderno CRH**, Salvador, v. 29, n. 77, Aug. 2016, p. 313-331.